O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, DEZEMBRO/2012 - ANO XV - Nº 191

EDITORIAL

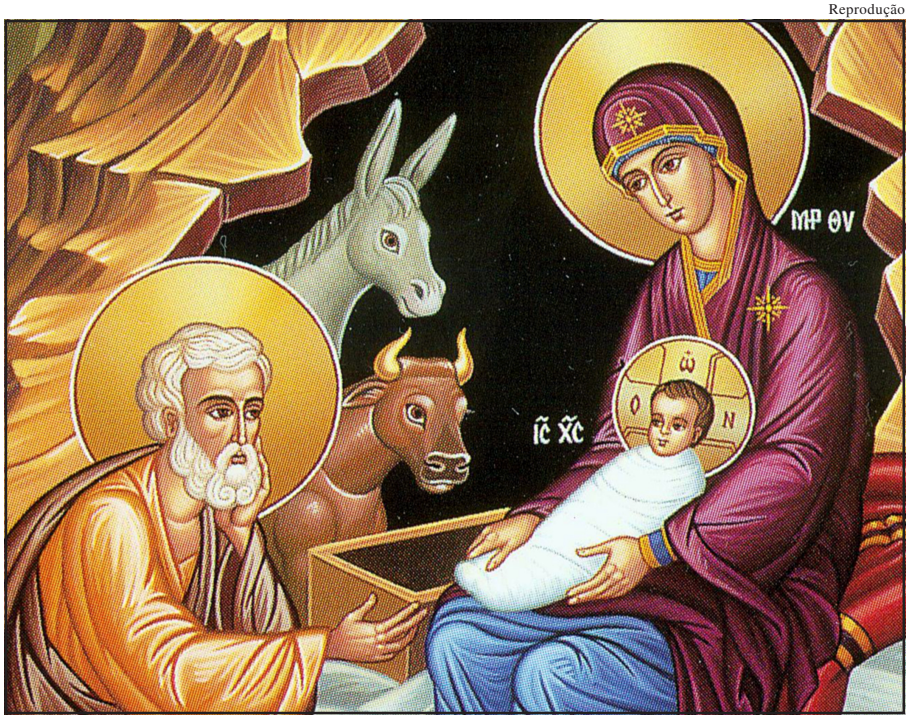
Dezembro! Nem bem pensamos no editorial do ano passado e cá estamos a elaborar o editorial de encerramento de mais um ano. Este, como sempre, traz um sentimento dúbio de tristeza e de alegria. De tristeza,porque mais um ano passou voando e, obviamente, muitas coisas ficaram por fazer. De alegria, porque um novo se apresenta com suas perspectivas, oportunidades e possibilidades. Além disso, ao rememorar o ano de 2012, nos recordamos de muitas coisas boas e, infelizmente, de algumas ruins. Num balanço preliminar, as alegrias são as que devem prevalecer sempre.

Fazendo uma retrospectiva das principais manchetes dos jornais do ano que termina, constatamos que predominou o assunto corrupção na esfera pública brasileira. Essa praga nociva, que corrompe e corrói a sociedade, é a principal responsável por privar o cidadão de direitos constitucionais como saúde e educação de qualidade. O dinheiro desviado por quadrilhas instaladas nas administrações públicas deixa de ser empregado em ações que beneficiam toda a população. O que surpreende e desaponta os cidadãos de bem é que muitos políticos, aparentemente idôneos e de ilibada reputação aos olhos públicos, quando no poder, se especializam em fraudar o erário. Toda sorte de malandragem passa a dominar.

Um movimento de combate à corrupção, no entanto, apoiado pela sociedade vem crescendo. Nessa cruzada, a imprensa investigativa e a polícia federal têm-se empenhado com sucesso, formulando denúncias junto ao ministério público. O resultado é que assistimos políticos que até então se julgavam acima da lei serem condenados e exemplarmente punidos, perdendo seus cargos eletivos. Uma luz se acende. A Lei e a Ordem hão de imperar.

Ao término de mais um ano,quando o clima de festas contagia a todos, desejamos a você leitor um Feliz Natal e um Ano Novo com muita saúde, paz, felicidades e sonhos realizados.

Reprodução



Feliz Natal e Próspero Ano Novo!

Fim de ano é tempo de reflexão. É hora de olharmos para o passado e, agradecidos por tudo que conseguimos realizar, encarar o futuro com novos planos.

Enquanto o Natal tem significado de fé, o simbolismo do Ano Novo é justamente o de esperança e de renovação, que sempre se revigora no calor da amizade e da união.

É no Menino da manjedoura que vamos buscar inspiração para fortalecer nossos propósitos de viver o amor, a reconciliação e a paz. A contemplação e celebração do nascimento de Jesus Cristo fortalece a fé em Deus, que vem até nós oferecendo a possibilidade do encontro com Seu filho.

Em 25 de dezembro todos comemoram o Natal. Ele está enraizado na vida de nosso povo. É um momento mágico que impulsiona nosso coração a salientar os mais caros valores morais e espirituais que acreditamos serem ingredientes indispensáveis para a felicidade de qualquer pessoa neste mundo. No entanto, esses valores vão se esvaziando durante o ano à medida que ele avança. Muitos desses bons propósitos vão ficando para trás. Não é fácil nos espelharmos no Menino do presépio e vivermos de acordo com os seus ensinamentos, como podemos observar em nosso cotidiano, em que o desamor e seus reflexos permanecem.

Apesar de o Brasil ser uma das maiores economias do mundo, suas desigualdades sociais são imensas. O desenvolvimento econômico do país não solucionou a situação de miséria, fome, violência organizada e degradação do meio ambiente, dentre outras mazelas que ameaçam a vida e geram insegurança das mais variadas. Essa realidade é fruto do egoísmo que orienta a organização da sociedade, que segue a lógica da concentração de bens e riquezas e da exclusão social.

Uma das principais causas de nosso atraso social está justamente na corrupção de nossos governantes. Observamos, no entanto, mudanças radicais na sociedade brasileira, que clama por justiça e mais mudanças. Essas mudanças passam por uma conjugação de forças de pessoas bem intencionadas, nas quais prevalece todos os dias do ano o espírito de Natal.

Ao celebrarmos o Natal, devemos fortalecer nossos sentimentos de esperança e renovação.

No ano que passou, apesar de sérias dificuldades por que passou nosso município, tivemos importantes conquistas. Os piquetenses elegeram a primeira prefeita de sua história. Ela se propõe a trabalhar norteada pelo espírito de Natal. Que seu trabalho concorra para as mudanças tão desejadas pela população, que aspira por uma Piquete justa, solidária, carregada de amor e de paz. Viveremos todos os dias o Natal quando nossas ações se voltarem para o crescimento do outro.

Imagem - Memória

Fotos arquivo Pro-Memória

Fotos Nelson Favorino e Arquivo Pro-Memória

No reino de Papai Noel

Patrocinado pela FPV, por iniciativa de seu diretor, o coronel Adhemar Pinto, aconteceu, em dezembro de 1963, em Piquete, uma festa de Natal de proporções até então nunca vistas na cidade. Foi um presente de final de ano dado pela Fábrica não só para seus funcionários e familiares, mas para todos os moradores do município.

Para a execução desse grandioso evento foi constituído um grupo de trabalho integrado por especialistas – todos funcionários daquele estabelecimento: desenhistas, carpinteiros, pintores, montadores – a fim de decorar toda a Praça Duque de Caxias e suas adjacências com motivos natalinos. Havia grande entusiasmo entre esses trabalhadores. Logo nos primeiros dias de dezembro, teve inicio a decoração. Uma imensa árvore de Natal e um presépio foram montados no centro da praça. As árvores e as fachadas dos edifícios foram iluminadas com milhares de luzes coloridas que piscavam em sincronia, causando efeitos especiais. Encimando o Grêmio Duque de Caxias, uma faixa de quinze metros transmitia a mensagem da Fábrica: "Feliz Natal às famílias da FPV". Logo à entrada do prédio, um Papai Noel de sete metros de altura dava boas-vindas à criançada. A decoração, à medida que ia sendo concluída, provocava verdadeiro deslumbramento, não só nas crianças como em todos os que por ali passavam. Nos dias que antecederam o Natal, a Pracinha tornou-se local para encontros e confraternizações. Toda a cidade ia até lá, admirar o presente dado pela Fábrica.

O dia 25 de dezembro amanheceu radiante. A festa oficial estava marcada para iniciar às 15h. Desde cedo, porém, a praça foi sendo tomada por crianças ansiosas para ver tudo. Um verdadeiro paraíso infantil havia sido criado. O toque original dos festejos foi um trenzinho que circulava pelas ruas da cidade com músicos da Corporação Piquetense tocando animadamente peças de repertorio natalino. Todas as crianças queriam embarcar e fazer essa viagem de sonhos. O Parque General Altair de Queiróz, ao lado do cinema, com seus brinquedos restaurados parecia um formigueiro de crianças. As maiores arriscavam transpor o laguinho em pernas de pau. No terreno atrás dessa praça, um bem montado parque de diversões, com roda gigante, chapéu mexicano, barquinhos, carrossel, aviõezinhos e uma variedade de barracas distribuindo brindes. Dentro do "Elefante Branco" eram sorteados ricos brinquedos às crianças e bicicletas aos funcionários. Ao lado desse clube, barracas coloridas e enfeitadas distribuíam refrescos, sanduiches, garapa, pipoca, algodão doce a todos que ali acorriam. No Cine Estrela, desenhos e variedades eram projetados em sessões ininterruptas. De Lorena veio um "trem especial" alegremente decorado e repleto de famílias de operários.

O Natal das crianças de Piquete naquele 1963 foi completo. Havia até um Papai Noel percorrendo as ruas da cidade distribuindo balas e bombons à criançada. A festa entrou noite adentro e acabou só pela madrugada. Parecia um sonho do qual ninguém queria acordar. Aquele Natal ficou gravado na memória da cidade. Ficou também um agradecimento àquele que soube proporcionar às crianças de Piquete, ricas ou pobres, filhas de funcionários ou não, uma verdadeira festa de Natal, um paraíso de sonhos e surpresas. O sucesso fez com que, nos anos subsequentes, a Praça Duque fosse decorada, cada vez mais com bom gosto e originalidade. O que foi feito em Piquete, patrocinado pela FPV, por mais de uma década no período de Natal, só bem mais tarde foi imitado em outras cidades, tornando-as uma atração turística. É uma pena que nossa festa, como todo conto de fadas, tenha acabado. É de se lamentar...

****

O ESTAFETA
Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves
Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86
Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto
Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207
Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP
Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.
Tiragem: 1000 exemplares
A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Vicente Levino dos Santos

"Eu nasci em Virgínia, Minas Gerais, em 30 de dezembro de 1932. Com três anos mudei-me para a cidade de Queimada, hoje Marmelópolis. Em 1940 vim para Piquete. Éramos dez pessoas: meus pais, Antônio Levino dos Santos e Orminda Maria de Jesus, cinco irmãs e três irmãos, contando comigo. Éramos muito pobres: meu pai era lavrador, trabalhava na roça. Naqueles tempos era muito difícil condução para fazer mudança e para transportar nossas muambas usamos animais – assim viemos para Piquete. Chegamos no dia 20 de setembro. Descemos a serra pela estrada velha, pois a nova ainda estava sendo construída. Chegamos ao bairro da Tabuleta, onde permanecemos por uma semana, na casa do senhor Benedito Vaz. Meu pai veio cortar lenha para a Fábrica de Pólvora, na mata do sertão do Benfica e na Serra dos Marins. Ele, meus irmãos e mais alguns cortadores de lenha que moravam na Tabuleta subiam a serra todos os dias, às cinco horas da manhã. Meu pai arrumou uma casa antiga de pau-a-pique perto da mata, na serra, e lá moramos por um ano. Depois viemos para o Bambuzinho, atual bairro de Santo Antônio. Havia poucas casas, no mais eram roças de milho, feijão e arroz. No lugar da igreja havia uma olaria. Depois, viemos morar em frente a igreja de São José. Voltamos para o Bambuzinho e eu fui para a escola da professora Ricarda Godoy Lopes, numa casa localizada num campinho, em frente à fazenda do Senhor Nhô, marido da Dona Josephina Uchôas. Essa casa escola ainda existe. Dona Ricarda foi uma mãe para mim. Ela me tratava muito bem. Todos os dias, na hora do recreio, ela repartia seu lanche comigo. Isso foi em 1944, eu já estava com 11 anos. Meus irmãos começaram a trabalhar na Fábrica Presidente Vargas. Minha mãe era lavadeira de roupas e carregadeira de almoço para a Fábrica. Por essa época começou a construção do hospital, do cinema, do Clube Elefante Branco e de duas pontes, uma ao lado do hospital e uma em frente à rodoviária. Eu trabalhei carregando almoço para dois operários do hospital. Nas horas vagas, eu e mais alguns colegas brincávamos no buraco aberto para o elevador. Em 1947, meu pai faleceu. Ele trabalhava na estrada nova e um dia, antes do almoço, ele e mais seus companheiros de serviço carregaram um caminhão com pedras. Quando desciam a serra, arrebentou o freio. O motorista gritou para que não pulassem, mas ele, que já contava 72 anos, ao ver os mais novos pularem, pulou também. Bateu num barranco e caiu por debaixo do caminhão. Após sua morte, minha mãe, mais dois irmãos e eu, fomos morar na Vila Vicentina. Eu fui para a Escola Agrícola da FPV. Em 1948, fui para o Exército. Em fevereiro de 1950, deixando o quartel fui para São Paulo. Quando retornei, trabalhei na fábrica Sulfoquímica Deteluque onde é a J.Armando. Comecei a namorar Maria Aparecida dos Santos. Logo após ter ficado noivo, fui despedido. Desempregado, mas para sustentar minha palavra, casei-me no dia 20/03/1958. Fui morar perto do Campo do Vila. Trabalhava roçando campo e capinando quintais. Um belo dia, trabalhando na casa do senhor Luis Vieira Soares, ele me perguntou porque eu não trabalhava na Fábrica. Respondi que eles não me queriam lá. Ele disse que ia falar com os maiorais, brincando comigo. À tarde, ao retornar do serviço, me disse que tinha arrumado com o Sr. José de Castro para eu trabalhar na padaria, entregando pão. Comecei no dia seguinte, me apresentando às três horas da madrugada para o José de Assis. Assinava o ponto todos os dias naquela hora. Logo fui transferido para a 3ª Divisão, como caldeireiro. Mais tarde, fui trabalhar no 4º Grupo, onde me aposentei, em 6 de dezembro de 1982.

Dizendo a verdade, fui criado na cidade de Piquete e na Fábrica Presidente Vargas. Vieram 5 filhos e 5 filhas que me deram 10 netos e 10 netas, 4 bisnetas e 3 bisnetos. Já completei 30 anos de aposentado e no final desse mês completo 80 anos de idade. Sou cristão, legionário, congregado mariano, vicentino. Graças ao bom Deus tenho saúde e sou feliz. Repouso e felicidade absoluta somente na vida eterna, o melhor e maior de todos os prêmios. Assim espero merecer. Que assim seja!"

Vicente Levino e alunos da Escola Agrícola da FPV, em 1948

Um ano de 2013 repleto de estrelas!

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Mais um ano percorrido... Parece-me cada vez mais forte a sensação de que o tempo passa mais rápido. Apesar de Einstein, sabemos que, para nós, "pobres mortais", isso é impossível. Acho a resposta para esta maior rapidez do tempo em nossas atribulações pessoais e profissionais. A cada dia que passa, somos mais e mais exigidos e, sempre, com prazos mais curtos. A vida de quem está no mercado de trabalho é baseada em agendas que já se estendem para muito além do chamado "horário comercial". Com isso, ao cumprirmos nossos consecutivos compromissos, quando nos damos conta, como agora, já estamos às vésperas de um novo ano.

2012 foi-me um ano excepcional.

Profissionalmente falando, comecei com perspectivas outras, que se alteraram e se transformaram em metas que estão às vésperas de se concretizar. Invadirão, portanto, 2013 – as expectativas alcançam pelo menos maio de 2013... Um ano já é um prazo curto para nos programarmos.

Pessoalmente falando, também foi especial. Turbulento no início e muito feliz ao final. Lugares, pessoas e projetos que me completaram e prometem mudanças significativas para melhor. Neste campo está incluída a expectativa com relação à nova administração municipal, de Teca Gouvêa. Para os piquetenses que acreditamos em sua capacidade e lhe confiamos nosso voto, ela é sinônimo de mudanças. Estou certo de sua capacidade, sua garra e força de vontade para provar que Piquete é viável e pode ser bem administrado, proporcionando resultados práticos e perenes. Sabe-se, no entanto, da caótica situação em que se encontra nosso município. Isso me deixa apreensivo, pois dificultará o trabalho de nossa primeira prefeita. Conhecendo-a, porém, sei que esta situação lhe será um incentivo para – se é que isso é possível – trabalhar ainda mais e com mais afinco.

Ao final do último dezembro, desejei que se fizesse brilhar a estrela de Teca Gouvêa sobre minha cidade natal; e ela brilhou! 2012 foi decisivo para Piquete e será o marco inicial de uma época que mudará para melhor os rumos de nossa cidade.

Que venha 2013! Que venha um novo governo! Que transbordem sobre os piquetenses os frutos de um trabalho sério e comprometido! Dessa forma, o tempo pode voar, que, ainda assim, será acompanhado e muito bem aproveitado, sempre!

Um abençoado e feliz Natal! Um desbravador e brilhante 2013!

Teca –uma nova proposta

Eis que Teca Gouvêa chega ao poder.

Alimentada pelo fluxo das esperanças de um povo desiludido e convencido, finalmente, de que o caminho tortuoso e trágico deve ser mudado. Movida pela paixão política, mas com a capacidade necessária ao cargo de liderança, tem fôlego e estrutura para desempenhar bem o papel que lhe cabe. Autodeterminada, já teve oportunidade de pôr à prova o talento de administradora. Saber planejar é um dos seus apanágios.

Treinada no empenho exigido dos planejadores, sabe que o importante é ter projetos exeqüíveis, isto é, dotados de possibilidade do êxito na execução. Conhecedora dos caminhos da política e dos atalhos, às vezes, complexos e sombrios, deverá fazer a luz se manifestar.

Vencida, enfim, a grande prova – a das urnas, com uma aceitação bastante convincente –, prende-se a um arco de expectativas de largo espectro, ou seja, de vários paradoxos, motivações e desafios. Saber se movimentar, galvanizar as pontas para torná-las harmônicas e fazer despertar o empenho conjunto da população em todos os extratos e derivações deverão ser sua grande meta. Inteligência, coragem e visão não lhe faltam. Até porque essas coordenadas cruzam-se no lugar certo – e a perspectiva do espaço dinâmico não lhe escapa: ela é, propriamente, arquiteta.

A arquitetura tem em si o bom encontro entre as questões humanas e sociais com a exatidão das normas que exigem o conhecimento espacial, a diferença dos pesos, a qualidade dos materiais e a estética das composições. Que o novo ano lhe seja, e a nós, propício!

Vivemos numa sociedade em mudança: à hierarquia criada a partir do patriarcalismo, responsável por grande parte da exclusão, miséria e defasagens sociais em educação e saúde, principalmente, somou-se a engendrada pelos militares que tornaram Piquete e sua indústria bélica uma referência obrigatória. Tudo temperado e pretensamente atenuado pelo varguismo, que por aqui plantou raízes num arcabouço arbóreo cujos frutos ainda se manifestam com eloquência. Visibilidade propiciada pela análise das faces que queiramos abordar. Quero dizer que, em Piquete, as marcas dessa influência são eloquentes.

Preparada pela academia e pela prática dos costumes, a nova prefeita, por ser mulher e atuante, deverá saber se conduzir. Para tanto, foi alvo do resultado das urnas. O novo, que o partido a que se vincula anuncia veementemente, pode ser um paradigma adequado, principalmente se vinculado à realidade que não se esconde. É por demais explícita.

Saber vislumbrar o futuro e poder contar com o apoio material, econômico, dos fluxos de caixa e investimentos, não só do lado monetário, mas também do social e pragmático, deverão, penso, ser seus objetivos. A força necessária dos encaminhamentos não falta a ela. Dotada da lucidez necessária, merece o apoio que, evidentemente, espera, pois a vontade popular bem sedimentada não é apenas a escolha do voto feita à frente do aparelho eletrônico e das manifestações jubilares. Depende de trabalho, empenho e solidificação da argamassa que sustenta o edifício na construção harmônica.

Ninguém melhor do que Teca sabe disso. Deus a abençoe e nosso Arcanjo protetor São Miguel a conduza no combate, ele que é farol e invicto batalhador.

Dóli de Castro Ferreira

Peter Armando

Mudança transcendental de cunho trágico afastou-o de nosso convívio e deslocou-o para outra dimensão.

A morte não interrompe uma amizade. Mas interrompe uma sequência de acontecimentos que fazem a biografia de uma pessoa.

É nosso sentimento profundo que o amigo Peter Armando tenha se afastado de nossas percepções físicas, mas o importante é o fato de que tenha existido e tenha marcado seu trânsito de maneira indelével.

A criatividade artística e cultural que lhe era peculiar refletiu-se e expandiu-se impregnando obras de notável valor. O que é atestado em objetos de variada extração, seja em cerâmica, papel ou tecido.

Conservo fielmente alguns trabalhos de Peter: belas e sensíveis aquarelas de temática piquetense no seu relevo – a imponente serra da Mantiqueira e o Marins, suas cores, luzes e translucidez. E também a representação da paisagem de nossa cidade em uma caneca que me foi presenteada pelo amigo comum Antônio Carlos M. Chaves. E ainda, presente de Peter, uma belíssima Madona e o Menino impressos em cerâmica de muito bom gosto. Mestre ceramista qualificado em Londres, na Inglaterra, foi professor e pesquisador de notória produtividade.

Nós nos víamos poucas vezes e nos despedíamos com a promessa de uma próxima oportunidade, na expectativa de uma vida inteira pela frente, eternizada na perenidade do minuto que passa – o amanhã viria, e muitos outros...

Como dizem os pensadores, "doença ou velhice nos preparam para suportar a morte". – ainda que "jamais possamos aceitá-la, mostrar-lhe uma causa" no dizer da filósofa Marilena Chaui. Pois, parece-nos impossível dar-lhe o que não pode ter, isto é, sentido; daí contarmos com algum consolo. Mas, quando a implacável visita chega sem aviso e repentinamente corta o fio de maneira trágica, o que resta é no imediato uma lembrança caótica e um gosto amargo de derrota, para se tornar memória construída vagarosamente, à medida que no alargamento do tempo a dor se consolide.

Foto acervo da família

Peter, que valorizava a paisagem nativa da cidade que o viu nascer e se tornar artista, tinha no seu ambiente a luta pelo desejo da permanência traduzida em beleza. Ser compassivo para ele era sinônimo de vida e a prática da espiritualidade lhe garantia um modo de caminhar junto, ou seja, a paixão pelo humano, o pathos (que entre os gregos é a paixão), na plena aceitação do que um corpo animado revela. Mesmo para falar dele, as palavras não são suficientes nem fieis tradutoras. Afinal, o paradoxo da contingência nos petrifica, mas é preciso registrar sua passagem, para que não morra, para que na fatalidade, a presença se reforce em memória e possa sobreviver.

Que os pontos de luz que iluminaram sua existência permaneçam em nós como exemplo, farol, raios luminosos e bênçãos. De onde está, Peter, acredito, nos vê, escuta, lê, e revela-se no embalo da brisa que ameniza a vista dos contornos abruptos e suaviza as agruras da célere passagem. Que, como nas estrelas, das quais somos partes, do nascer até o fim da trajetória luminosa, nos individualize e permaneça como luz... E que mais não digo em respeito ao caráter despojado do amigo.

Dóli de Castro Ferreira

Fotos Andréia Marcondes e Arquivo Pro-Memória

Eu, escritor...

Quem me dera...Gosto de escrever e o faço para crescer... Minha meta em O ESTAFETA é que meu "original" não tenha um só "vermelho" do Chico Máximo; até agora só cheguei perto...

Mas... Recebemos, no dia 1º de dezembro, eu e dr. Antônio Carlos Monteiro Chaves, a Menção Honrosa do Prêmio Cultural "Eugênia Sereno", outorgado pelo Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV), de Lorena. Representamos ainda, como organizadores da obra, o padre Fabrício Beckmann e Dóli de Castro Ferreira, responsáveis pela pesquisa que consta do livro.

Emocionei-me... Foi uma honra para um profissional de exatas que não pensava ter seu nome na capa de um livro, ainda que como organizador. E, logo no primeiro, uma premiação... Foi bom demais... E, melhor ainda, poder estar ao lado de pessoas que lutam pela qualidade de vida no Vale do Paraíba, que doam seu trabalho pela comunidade... Pessoas como o professor Nélson Pesciotta, 90 anos, sociólogo, e o Dr. Hugo Di Domênico, 98 anos, médico, que ainda produzem e fazem planos para o futuro... São exemplos que nos impulsionam a crescer pessoal e profissionalmente...

Este livro surgiu do trabalho de resgate da história da Diocese que vinha sendo realizado pelo padre piquetense Fabrício Beckmann, pároco de Silveiras/SP. Após uma fatalidade, passei a ajudá-lo na formatação do informativo que, a cada mês, num total de doze, contava parte da história da Diocese de Lorena. Incentivado pelo AC Chaves, Fabrício sugeriu ao Bispo a publicação. Neste ínterim, os doze informativos foram encaminhados para a professora Dóli de Castro Ferreira, que os alinhavou e complementou com sua experiência de historiadora. Pouco tempo antes de 31 de julho, data de oficialização da Diocese em 1937, um telefonema: "Podem mandar imprimir o material... Mas precisamos para o dia 15 de agosto, dia da padroeira de Lorena". A partir de então, foi uma correria... Muitas noites até tarde ao computador, correções via "skype", idas e vindas de arquivos... Ai de nós se não fosse a tecnologia da internet... Enfim, conseguimos...

O "Diocese de Lorena – 75 Anos" materializou um trabalho que visa a recuperar e trazer à memória inúmeros elementos que compõem a identidade da sociedade valeparaibana, sobretudo os ligados à tradição católica. Isso vem ao encontro das premiações do IEV que têm o objetivo de valorizar e estimular ideias, atitudes de preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural e a produção científica que promovam a melhoria das condições de vida e o desenvolvimento sustentável em todo o Vale do Paraíba.

Numa cerimônia objetiva e muito bem organizada, recebi, orgulhoso, a premiação. O responsável pelos agradecimentos foi o Antônio Carlos, médico, historiador e ambientalista, um dos instituidores da Fundação Christiano Rosa (FCR). Uma das pessoas que mais luta pela história de Piquete, coletor de um acervo documental e fotográfico riquíssimo, enalteceu o trabalho de instituições como o IEV e a FCR, que mantêm vivo muito da história da região. AC ressaltou a importância do resgate da história para a formação de cidadãos e um desenvolvimento sustentável. Destacou, ainda, a necessidade de se promover um trabalho de documentação iconográfica de nossas paróquias, observada durante a edição do livro, quando se evidenciou a quase ausência de registros históricos e até atuais.

Durante a premiação, estava acompanhado de amigos que corroboraram a importância deste prêmio. Ressalto, mais uma vez, a emoção que senti por poder colaborar com o padre Fabrício Beckmann e com seu abnegado trabalho, no qual visualizo uma sincera vocação. Obrigado IEV! Valeu, Fabrício! Que venham outros prêmios, para que um dia eu mereça ser chamado escritor!

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Uma nova arquitetura para Piquete

Piquete entrará em 2013 fazendo história. Empossará no dia 1º de janeiro sua primeira prefeita, desde que se emancipou de Lorena, há 122 anos.

Teca Gouvêa encontrará uma cidade carente em todas as áreas: saúde, educação, turismo, cultura, finanças... Não será fácil administrar o município. Será preciso empenho e trabalho árduo, além de nova engenharia administrativa...

Um político moderno é o que enxerga mais longe, capaz de reconhecer que somente através de um trabalho amplo, com uma equipe competente e compromissada, garantirá uma administração que proporcione qualidade de vida e progresso para sua cidade.

E é dessa forma que os piquetenses – os que lhe confiaram o voto ou não – esperam que Teca se apresente: uma política moderna, com perfil de executiva, mas que administre em cumplicidade com a comunidade. Espera-se, ainda, que Teca se mantenha em sintonia com os Conselhos (de educação, saúde, turismo, esportes, menor etc.), que poderão lhe proporcionar uma visão mais ampla dos problemas do município em suas respectivas áreas. Também as Associações de Amigos de Bairro, quando ouvidas, trazem os problemas reais que o administrador tem de enfrentar em cada canto do município. Para que tudo isso funcione, porém, os conselhos e associações citados precisam estar bem organizados; é essencial que tenham consciência de sua importância e poder quando conduzidos com seriedade e objetividade e estruturados legal e eticamente.

Também será essencial à prefeita Teca Gouvêa a integridade da Câmara Municipal. Em uma cidade do porte de Piquete, é fácil para o Legislativo atuar juntamente com o Executivo sem mostrar submissão. Se a finalidade é o bem de Piquete, votos contrários os deverão ser defenestrados. Espera-se da nova Câmara a mesma atitude moderna e inovadora de Teca Gouvêa: seriedade, busca constante pela excelência e compromisso com a comunidade.

Que Teca Gouvêa seja a arquiteta de um futuro brilhante para a Cidade Paisagem!

Fotos arquivo Pro-Memória

Crônicas Pitorescas

Missa do galo

Palmyro Masiero

Fato e personagens reais. Por razões que se evidenciarão omitiremos os nomes, assim como a cidade do Vale que foi palco do evento.

Ela, ocotogenária, cabelos branquinhos e bem cuidados, suavemente maquiada, vestindo-se sempre com apuro e elegância, trazia consigo vestígios de uma aristocracia já passada. Há muitos e muitos anos professora de piano e notável concertista. Apesar da idade, seus dedos ainda correm livres e soltos pelo teclado, como se incontestáveis borboletas pousassem aqui e ali.

Ele, mais jovem, pouco ultrapassando a casa dos setenta, esbelto e vaidoso dentro de seu terno eternamente impecável, alva cabeleira longa... Excepcional solista no instrumento que notabilizou Paganini. Seus dedos sinistros apertavam as cordas e o arco manejado pela destra deslizava liberto sobre elas, deixando no ar sons que transportavam os ouvintes para uma singular dimensão.

Conheciam-se e respeitavam-se pessoal e artisticamente. Algumas vezes apresentaram-se juntos e os amantes da música erudita saíam embevecidos do concerto, como se retornando de um mundo extrassensorial. Uma dupla de virtuosos.

Ambos foram convidados para, juntamente com um coral de quarenta seminaristas, se apresentarem na celebração da Missa do Galo, dita na Noite de Natal, em Aleluias ao nascimento de Deus feito homem.

Aceitaram. Ela tocaria órgão. O maestro já preparara os arranjos e tiveram início os ensaios. A cada dia, chegava-se mais perto da perfeição melódica. Casamento perfeito do coral, em quatro vozes, com os acordes do órgão e a linha musical, aveludada, sonora, do violino.

Véspera do Natal, meia-noite.

A catedral (pista...) estava maravilhosamente decorada, com suntuosa iluminação e abarrotada de fiéis.

Os harmoniosos acordes envolviam a nave da casa do Senhor. Missa para dela se sair confiante no amor como fonte única de vida. Hora transcorrendo na paz da louvação.

A missa foi sobejamente enternecedora. Apesar do que aconteceu no último ensaio: leviandade maliciosa. Após a passagem final de todo o repertório, magistralmente interpretado, o maestro, num lance espontâneo, não se conteve em elogios à performance dos dois vetustos músicos. O violinista, em sua candidez, falou:

– Eu e a ... sempre fomos afinados...

Foi a vez dela exprimir o que sentia:

– Quando harmonizo com o ... nós sempre acabamos juntos.

Ouviu-se um coral de risos dos seminaristas, sonoro, irreverente, em pleno altar onde se realizava o derradeiro ensaio, com cada um em seu definitivo lugar. Os dois anciãos enrubeceram, enquanto os rapazes recebiam uma artilharia de flechas atiradas pelo olhar fulminante do maestro.

Como já disse, a missa foi divinal.

Prova de que Deus entendeu a pureza e intenção dos artistas sobre o que disseram.

A missa foi sublime, repetimos. Sinal de que durante o ato sagrado os seminaristas componentes do coral estiveram sob perdão. Se passada a cerimônia o Homem aprontou-lhes algum castigo, aí eu não sei.

Onde já se viu passar tal malícia pela cabeça dos futuros ministros de Deus!?

Mas... Quem não peca não pode pedir perdão e, de acordo com o samba do Ataulfo, perdão foi feito pra gente pedir, confere?

O zurro do burro

Edival da Silva Castro

Sou um burro bonito. Cinza-escuro, orelhas grandes e pelos eriçados. Sou resistente às longas caminhadas e de tração por excelência. Por isso fui escolhido pra amassar barro numa pipa de olaria.

Um dia, logo de manhãzinha, cingiram meu corpo e pescoço com pilchas, depois fizeram-me rodar, rodar, rodar...

As voltas ininterruptas fatigavam-me, não tinha a quem recorrer. O oleiro não me parava pro devido descanso, tampouco pra matar minha sede e fome.

A lida ia do amanhecer ao anoitecer.

O lema era barro e mais barro pra encher as formas, pra depois elas irem ao forno. Os tijolos coziam aos milhares e eu lá, burro mesmo, só rodava, rodava, rodava...

À noite, quando me punham no pasto, não tinha ânimo de andar, de tanto ter andado durante o dia. O capim suculento estava sob minhas ventas, mas eu ficava a ruminar desejo. Cabisbaixo, pensativo, às vezes me coçava num mourão de cerca. O relento era minha estrebaria.

O dia mal repontava pro meu tormento começar. Pra mim, o oleiro aspirava trabalho.

Com voz de mando, gritava:

– Traz o burro pra pipa! Está na hora de virar barro!

Tanto tempo se passou e não notaram que eu passei.

Agora estava idoso, tão idoso que nem seria preciso baixar minha maxila pra espiar meus dentes.

Outro dia, de tardinha, não aguentei o repuxo. Meu corpo suava, eu sequioso e aquelas coisas pesando no meu lombo; parei, ajoelhei.

O oleiro, vendo que não tinha mais jeito, desatrelou-me, e soltou-me no campo. Lá fiquei abandonado, solitário e de olhar remelento branco-avermelhado.

Inda ouvi quando ele disse:

– Agora é a vez do burrico castanho-fulvo! O cinza já era!

As voltas que dei no picadeiro amassando barro são incontáveis, inimagináveis.

Espero que a terra que irá me cobrir seja mais leve do que aquela da pipa, a qual buli a vida inteira.

Oh, se eu fosse um puro-sangue!

Festividades de Posse da Prefeita Teca Gouvêa e dos Vereadores Eleitos

Dia 1º de Janeiro de 2013

10h Missa Solene na Matriz de São Miguel

17h Sessão Solene no Salão de Festividades "Luiz Vieira Soares"

Acesse na internet, leia e divulgue o informativo

"O ESTAFETA"

www.issuu.com/oestafeta

ou

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

Reproduções

É Natal!

Comemorado no dia 25 de dezembro, o Natal lembra o nascimento de um menino – Jesus Cristo. No entanto, nem as Sagradas Escrituras, nem a História relacionam a data com o acontecimento. Foi a partir do Papa Júlio I, no século IV, que este dia foi determinado como a data de nascimento de Jesus. Aos poucos, a data tradicionalmente foi-se consagrando. A festa natalina enraizou-se com o tempo.

Em 1220, graças a São Francisco de Assis, surgiu o presépio, humanizando ainda mais o nascimento do Menino. E a árvore de Natal, embora só surgisse na Alemanha no início do século 19, conseguiu dar à festa natalina ambiente mais profundamente familiar. De certo modo, os festejos natalinos transcenderam o aspecto meramente religioso, e o Natal, como símbolo de esperanças renovadas, passou a representar o eterno anseio do homem em constante busca de Paz, Amor e Alegria.

É quase impossível alguém ficar à margem do Natal. As canções, a alegria das crianças, o colorido das ruas e o sentimento de confraternização e congraçamento contagiam a todos.

No Brasil, além de seu caráter religioso, o Natal assumiu, também, características de festa popular. Em várias regiões do país, Natal dá origem ao verdadeiro ciclo de bailados e autos tradicionais. Até o Dia de Reis, a 6 de janeiro, principalmente nas áreas onde a tradição se mantém mais viva, podem ser vistos o bumba-meu-boi, cheganças, marujadas, congadas, reisados, pastoris e outros festejos que dão ao Natal o genuíno caráter popular, humanizando-o, apesar do apelo comercial que ocorre nesse período nas áreas urbanas. Mas, mesmo ali mantém-se viva a mensagem da fé, que os homens almejam sempre, aspirando a uma vida melhor e mais justa, mais humana, como fora anunciada pelo Menino Jesus.

Fotos arquivo Pro-Memória

Deus Conosco

Quando Jesus nasceu, o Anjo não foi avisar os que se encontravam nas hospedarias lotadas pela urgência do recenseamento. Buscou os pastores que estavam tomando conta de suas ovelhas.

Será que o Anjo julgou que os hóspedes e os donos da hospedaria não estavam predispostos a acreditar que a Salvação jazia em uma manjedoura e estava envolta em faixas?

Parece que a vida da humanidade se desenvolveu substituindo os senhores por chefes e patrões; e os escravos por subordinados e empregados.

Os inconformados eram submetidos a castigos violentíssimos como o das galés, embarcações a remo, em que o escravo insubmisso remava até morrer.

Os excluídos do sistema eram, em geral, os aleijados e portadores de doenças contagiosas.

Hoje, a nossa sociedade é regida pela Lei.

Os que obedecem à Lei são os cidadãos.

Os fora da lei são os que conhecem a Lei, mas a desprezam. Conforme o grau de desobediência, pagam multas, fianças, ou são recolhidos a prisões.

O braço da Lei é curto e não alcança boa parte da população.

A Lei é escrita e são muitos os que não sabem ler. As relações tomam corpo através de documentos escritos e grande número de pessoas não sabem escrever.

A cidadania se concretiza através do pagamento de impostos e taxas e boa parte da população não consegue saldar estes compromissos.

Vamos admitir: o mesmo Jesus que conhecemos vai nascer, no Brasil, no próximo 25 de dezembro.

José era um carpinteiro, trabalhava por conta própria. Não era, portanto, um excluído.

Somos informados de que não havia lugar na hospedaria – é possível que José tivesse condições de pagar pela hospedagem.

O nascimento de Jesus no presépio ou lapa foi uma emergência. Chegara o momento de Maria de Nazaré e não havia possibilidade de procurar outro local.

Nas mesmas condições, onde nasceria hoje o Menino Deus? Na fila do Posto de Saúde? No corredor do Pronto-socorro? Na ambulância do SAMU? Na viatura da Polícia Militar ou do Corpo de Bombeiros?

Nascido o Menino, a quem o Anjo daria a notícia da Salvação?

Aos médicos e enfermeiros que trabalham em condições precárias? Aos socorristas do SAMU, aos policiais militares e aos bombeiros que permanecem alerta como os pastores?

Ou o Anjo buscaria as comunidades que cultivam o modelo de vida apreciado por Jesus – as que se assemelham a crianças; as vacinadas contra a ambição; as que sofrem sem revoltar-se; as que buscam a conciliação; as que lutam incansavelmente pela justiça; as generosas, solidárias; as que não se abatem com as calúnias e perseguições, as que tem o coração inclinado à beleza, à bondade e à verdade?

Ou será que o Menino Deus vai preferir nascer entre os excluídos?

E se o Menino Deus nascesse sob a lona preta de um acampamento de sem-terra? Ou à sombra de um caminhão velho de migrantes expulsos por cataclismos ou pela especulação imobiliária?

É difícil decidir.

Não importa onde o Menino Deus vai nascer.

O essencial é que o Anjo tenha a quem anunciar a Salvação.

O que hoje chamamos de presépio ou lapinha ficaria lindo também se fosse armado à sombra de um caminhão velho de migrantes; ou no interior de uma viatura do Corpo de Bombeiros ou da Polícia Militar.

O indispensável é que nossas mentes e corações estejam impregnados das luzes da grande expectação – A Salvação que vem.

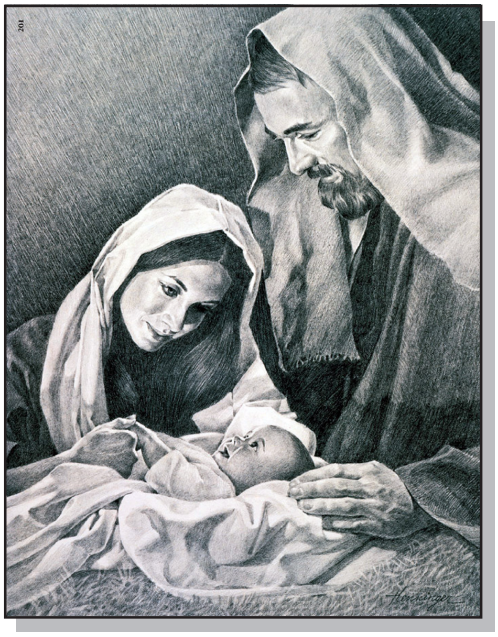
Vem, Senhor Jesus!

Vem, Menino Deus!

Abigayl Lea da Silva

Reproduções

Deus fez-se um de nós



No dia 25 de dezembro faremos memória da noite santa na qual ocorreu um dos fatos mais marcantes da história da humanidade. Conforme afirma a tradição cristã, numa humilde manjedoura, em Belém da Judeia, o Filho de Deus, sendo de condição divina, não se apegou à sua igualdade com Deus. Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens (Fl 2, 6-7). Com esse acontecimento deu-se o início de nossa era chamada de era cristã.

Na liturgia da Igreja Romana, há uma bela oração eucarística, a número quatro, na qual lemos: "Verdadeiro Homem, concebido do Espírito Santo e nascido da Virgem Maria, viveu em tudo a condição humana, menos o pecado...". Não é difícil constatar que, ainda hoje, muitos cristãos não podem compreender que Deus viveu entre nós, esvaziado da divindade, deixando- nos o itinerário para uma vida humana em comunhão com Ele.

A fé cristã nos ensina que a encarnação não foi algo aparente, mas de fato aconteceu. Estamos habituados a dizer que Jesus é Deus, mas estranhamos quando alguém diz que ele é homem como nós. Se nossa concepção acerca de Jesus se aproxima de uma visão monofisita, ou seja, se menosprezamos a importância de sua natureza humana para afirmarmos apenas a divindade, Jesus de Nazaré torna-se irrelevante para muitas pessoas.

Certa vez atendi uma senhora que guardava muita mágoa de algumas pessoas que a tinham ofendido e humilhado. Ela não se sentia confortável em ter vizinhos com quem não se relacionava, morava em um lugar pequeno, com pouca vizinhança. Desejava a reconciliação, mas isso parecia muito difícil. Então a fiz recordar-se do testemunho de Jesus registrado no Evangelho de Lucas, no capítulo 23 versículo 34. Disse a ela que ao crucificarem a Jesus, ele orava a Deus por seus algozes: "Pai, perdoa-lhes! Eles não sabem o que estão fazendo!" Prontamente respondeu-me ela: "Mas Jesus era Deus!!!". Embora tenha me silenciado, senti muita vontade de dizer a ela que Jesus era humano e que é possível imitá-lo. Acentuar demasiadamente a divindade de Jesus, em detrimento de sua humanidade, é um equívoco que torna seu legado espiritual um itinerário aparentemente impossível de ser percorrido pelos seres humanos normais. Talvez a isto se deva o fato de que, não raramente entre os cristãos, outras personalidades assumam a centralidade da fé, como, por exemplo, os santos mais populares. A muitos eles parecem mais humanos que Jesus e por isso mais aceitáveis como exemplos a seguir.

Dizer que Jesus é verdadeiro homem não reduz sua glória, mas nos faz compreender a grandiosidade de seu amor por nós. Ele quis, como afirma o evangelho de João, no início do capítulo 14, ao encarnar-se, ser para todos nós o caminho, a verdade e a vida, de modo que ninguém pode ir a Deus, a quem chamou de Pai, senão por Ele.

Que na noite da celebração do Santo Natal, contemplando o presépio, possamos compreender um pouco melhor o mistério da humanidade de Jesus, que, sendo de condição divina, humildemente se fez um de nós, para que pudéssemos, por ele, ser levados à comunhão com Deus; a experimentar, ainda que em meio a tantas contradições da existência, o dom da vida plena e feliz, que costumamos chamar de salvação.

Pe. Fabrício Beckmann

Sobre Natal e turismo...

Pela televisão, assistimos, no final do ano, cidades de diferentes lugares do mundo preparando-se para receber turistas por ocasião do Natal. No Brasil, são tradicionais as decorações natalinas de Gramado, Caxias do Sul e Canela, na serra gaúcha, Curitiba, no Paraná, e Campos do Jordão, aqui na Mantiqueira. Essas cidades recebem caravanas e mais caravanas de visitantes. Cada uma delas procurando superar-se no colorido, nas luzes, nos desfiles, nas cantatas, nos balés e tantos outros atrativos. As árvores-de-Natal e os presépios são uma atração à parte. Haja inventividade de seus criadores!

O turismo é a indústria que mais cresce no mundo. Nos diferentes países, ao longo dos anos, os governos têm investido nessa fonte de desenvolvimento, geração de empregos e crescimento da economia. Piquete, nas décadas de 1960 e 1970, foi pioneira na região na elaboração e execução de festas natalinas, que ficaram guardadas na memória de muitas pessoas. O que foi feito na cidade no passado não deixava a desejar em criatividade em relação ao que é feito hoje nas cidades citadas. Tudo era preparado com capricho e paixão. É bem verdade que a FPV era a patrocinadora dessas festas, em torno das quais, a cada ano, uma equipe coesa se empenhava a desenvolver um novo tema. Assim, tivemos o "Natal dos Sonhos da FPV", "Natal Fantasia", "Natal na FPVlândia", "Natal no Sitio do Pica-Pau Amarelo". Por muitos anos, a cidade foi presenteada com essas festas, que atraíam muitos visitantes por seu belo espetáculo, em que o espírito de Natal reinava absoluto. Será que não é hora de os piquetenses se unirem e buscarem parcerias a fim de voltarem a ter o Natal de sonhos com que a cidade sonha e que merece?

Fotos arquivo Pro-Memória